



A PRÁTICA DO *BULLYING* NUMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE JOÃO PESSOA-PB

Giovana Cristina Santana Viana¹; Rayssa Marques Wallach¹; Lívia Karine de Paiva Ferreira Costa²; Maria de Fátima Camarotti⁴

Universidade Federal da Paraíba, giovanacrisviana@hotmail.com, rayssawallach@hotmail.com, livia.karine123@hotmail.com, fcamarotti@yahoo.com.br

Resumo

Sabe-se que a lei assegura as crianças e adolescentes direito ao respeito e a dignidade, por outro lado, a presença do *bullying* nas relações humanas, principalmente, nas do ambiente escolar, além de ferir esses direitos, vem causando graves complicações nas salas de aula e tal realidade tem gerado uma necessidade de intervenções pedagógicas que busquem minimizar esses impactos e melhorar o convívio escolar. Esse trabalho teve como objetivo investigar a prática do *bullying* no Ensino Fundamental e sensibilizar os alunos por meio de uma oficina pedagógica acerca dos perigos dessa prática. Foi realizada com 50 alunos da EEEFM Antônia Rangel, localizada em João Pessoa-PB, com uma abordagem Qualitativa e Quantitativa, coletando os dados através de questionários, que foram interpretados a luz da análise de conteúdo. A intervenção da pesquisa se deu com uma oficina pedagógica de dramatização. A partir dos dados obtidos, foi constatado que o ambiente onde os alunos mais sofrem *bullying* é o escolar; que entre meninos e meninas, são os meninos os maiores praticantes; e também que o sentimento mais evidenciado, com mais de 40%, pelos alunos que já sofreram *bullying* foi o de tristeza. Dessa forma, se faz necessário mais atividades de pesquisa e intervenção sobre essa temática em sala de aula, pois uma verdadeira mudança de mentalidade e preconceitos acontece aos poucos e precisa da contribuição dos professores.

Palavras-chave: Bullying, Oficina Pedagógica, Ensino fundamental.

Introdução

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), de 1996, é expressa a urgência da reorganização da Educação Básica, a fim de dar conta dos desafios impostos pelos processos globais e pelas transformações sociais e culturais por eles geradas na sociedade contemporânea. Atender às demandas atuais exige uma reflexão profunda sobre os conteúdos abordados e sobre os encaminhamentos metodológicos propostos nas situações de ensino.

O ensino tem como objetivo incitar o aluno a fazer descobertas sobre a vida e o mundo que o cerca, expandindo seus horizontes e obtendo um senso crítico sobre o mundo e seus fenômenos, ajudando na “leitura de mundo”, difundida por Freire (1988). O aprendizado é proposto de forma a propiciar aos alunos o desenvolvimento de uma compreensão do mundo que lhes dê condições de continuamente colher e processar



informações, desenvolver sua comunicação, avaliar situações, tomar decisões, ter atuação positiva e crítica em seu meio social (LIBÂNEO, 2004). Através dessa leitura de mundo a problemática do *bullying* pode chegar às salas de aula de uma forma prazerosa e dinâmica com o intuito de transformar as atitudes das pessoas.

De acordo com Valle e Arriada (2012), sempre será um desafio fazer conexões entre a teoria e prática nas diversas áreas de conhecimento, devido existir uma distância entre pensar e fazer algo. Mas para superar isso, um dos métodos que podem ser utilizados são as oficinas que tem o objetivo de construir e integrar os conceitos teóricos e práticos de uma maneira bastante eficaz e compreensível.

Sendo assim,

As oficinas são espaços de construção coletiva de um saber, de análise da realidade, de confrontação e intercâmbio de experiências, de exercício concreto dos direitos humanos. A atividade, a participação, a socialização da palavra, a vivência de situações concretas através de sócio-dramas, a análise de acontecimentos, a leitura e discussão de textos, a realização de vídeo debates, o trabalho com diferentes expressões da cultura popular, são elementos presentes na dinâmica das oficinas. (CANDAUI, 1999, p. 11).

Proporcionar atividades de integração no ambiente escolar é ter a certeza de que futuramente muitos frutos serão colhidos, por ser um trabalho que proporciona a sensibilização, a aproximação entre professor e aluno, aluno e aluno, como também despertar o interesse em conhecer a ciência com um olhar inovador, refreando os estereótipos de que aprender é um fardo e que não traz prazer.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) menciona que para acompanhar o ritmo da sociedade, nos parâmetros de pensamento, tecnologia e a meio ambiente é necessário que a escola trate de questões que interferem na vida dos alunos e com as quais se veem confrontados no seu dia-a-dia.

A Constituição da República Federativa do Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Convenção sobre os Direitos da Criança da Organização das Nações Unidas preveem os direitos ao respeito e à dignidade, sendo a educação entendida como um meio de prover o pleno desenvolvimento da pessoa e seu preparo para o exercício da cidadania. (NETO, 2005). Mas infelizmente, a escola tem sido um espaço utilizado por muitos alunos para práticas ilícitas, objetivando prejudicar outros alunos e pessoas fora do convívio escolar. Essas práticas são denominadas como *bullying*, um tipo de violência bastante presente nas



comunidades escolares, e nas redes sociais, que na maioria das vezes, é praticada por jovens e adolescentes.

Para uma melhor compreensão:

Por definição, bullying compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudante contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder. Essa assimetria de poder associada ao bullying pode ser consequente da diferença de idade, tamanho, desenvolvimento físico ou emocional, ou do maior apoio dos demais estudantes. (NETO, 2005, p. 165).

Ainda assim, Neto (2005) mostra que muitas vezes esses acontecimentos presenciados na comunidade escolar, tornam-se tradicionalmente admitidos como naturais, ou também ignorados ou não valorizados, tanto pelos pais quanto pelos professores.

Dentre as consequências dessa prática tão horrenda, a tendência é que a vítima apresente baixa autoestima, tristeza, medo de ir para escola, depressão, podendo chegar até ao suicídio. Quando este ocorre, muitos pais até mesmo não sabem explicar o motivo que levou a vítima a cometer tal tragédia, que muitas vezes teve medo ou vergonha de expor algum problema que estava ocorrendo em sua vida e, toma tal atitude como forma de fugir dessa situação tão conflitante.

A Lei Nº 13.185/2015, federal, foi criada com o intuito de combater o *bullying* em todo o território nacional. Uma das medidas de prevenção é:

Promover medidas de conscientização, prevenção e combate a todos os tipos de violência, com ênfase nas práticas recorrentes de intimidação sistemática (bullying), ou constrangimento físico e psicológico, cometidas por alunos, professores e outros profissionais integrantes de escola e de comunidade escolar.

Desse modo, esse trabalho buscou investigar a prática de *bullying* em alunos do Ensino Fundamental II, além disso, sensibilizá-los para não praticarem, por meio de uma intervenção com oficina pedagógica. O combate a esse ato de violência é fazer com a escola estabeleça um diálogo com os alunos, mostrando os efeitos negativos desse crime realizado pelo autor, como também os problemas que a vítima sofre. Além disso, cabe a gestão escolar incentivar a paz e exercer a prática do respeito mútuo diante das diferenças, sejam elas de gênero, de pensamento, nível socioeconômico, entre outros.

Metodologia



A oficina foi realizada na EEEFM Antônia Rangel, localizada no bairro da Torre no Município de João Pessoa-PB, com as turmas do 6º ano “A” e “B”, e 7º ano “A” do Ensino Fundamental. Foram utilizados os pressupostos teórico-metodológicos para a realização deste trabalho os fundamentos da Pesquisa Qualitativa e Quantitativa, com o uso de questionários os dados foram coletados e interpretados com a técnica de análise de conteúdo, segundo Bardin (2011).

Marconi e Lakatos (2010) explicam que a abordagem qualitativa se trata de uma pesquisa que tem como premissa, analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano e ainda fornecendo análises mais detalhadas sobre as investigações, atitudes e tendências de comportamento. Assim, o que percebemos é que a ênfase da pesquisa qualitativa é nos processos e nos significados.

Já a Pesquisa Quantitativa, Richardson (1989) diz que se caracteriza pelo emprego da quantificação, tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento dessas através de técnicas estatísticas, desde as mais simples até as mais complexas.

Os métodos qualitativos e quantitativos não se excluem. Embora difiram quanto à forma e a ênfase, os métodos qualitativos trazem como contribuição ao trabalho de pesquisa uma mistura de procedimentos de cunho racional e intuitivo capazes de contribuir para a melhor compreensão dos fenômenos. Pode-se distinguir o enfoque qualitativo do quantitativo, mas não seria correto afirmar que guardam relação de oposição (POPE; MAYS, 1995, p.42).

Utilizaram-se questionários como ferramenta para obter os dados. Neles os alunos foram indagados quanto a percepção sobre o que é *bullying*; se já tinha sofrido algum tipo de *bullying*; como se sentiu; e se já praticou, com qual frequência.

Os dados obtidos no questionário foram interpretados através de uma leitura flutuante da análise de conteúdo e que como tal, tem determinadas características metodológicas: objetividade, sistematização e inferência. Segundo Bardin (2011), ela representa um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visam a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção dessas mensagens.

Após a aplicação do questionário foi realizada uma palestra, com o uso de slides. Na segunda aula foi realizada a oficina pedagógica de realização de duas dramatizações, encenadas pelos alunos.

Resultados e discussão

A escola foi muito receptiva e a Professora de Ciências colaborou para a realização das atividades. Durante as observações feitas, nos espaços externos e internos, às salas de aula, perceberam-se alguns comportamentos suspeitos quanto à prática de *bullying*. Brincadeiras de mau gosto e zombarias com colegas aparentemente mais frágeis, pequenas ameaças para que colegas disponibilizassem tarefas e trabalhos. As turmas tinham o perfil de alunos inquietos e com frequentes falta de respeito com os colegas da sala. Aplicou-se um questionário com todos os alunos da turma, para ter o conhecimento da prática do *bullying* na escola, bem como, saber o conhecimento prévio acerca do tema.

Um total de 50 alunos respondeu o questionário, sendo 16 meninas e 34 meninos, de duas turmas do 6º ano e uma do 7º ano. Os alunos estão inseridos na faixa etária entre 11 e 14 anos de idade. Estudos apontam que o momento de maior incidência dos episódios de *bullying* e violência escolar ocorrem entre os nove e os 15 anos de idade (ROLIM, 2008). Eles responderam seis perguntas e optou-se pelo questionário escrito com perguntas mistas para deixar os entrevistados mais à vontade em responder com sinceridade e sigilo.

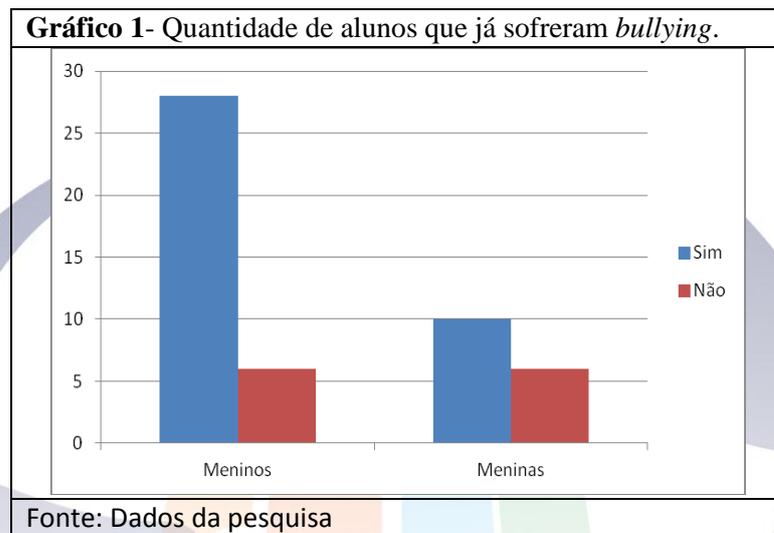
Quando perguntados sobre o que seria o *bullying*, a maioria (38%) respondeu que são xingamentos, seguido por desrespeito (18%) e violência (16%) (**Quadro 1**)

Quadro 1 - Análise das respostas dadas pelos alunos, a questão 1 "Para você, o que é <i>bullying</i> ?"				
CATEGORIA	CONSTITUINTES	EXEMPLO	Abundância	
			Total	Relativa
Xingamentos	Ofensas	Quando outra pessoa chama você de nomes feios" (aluno, ensino fundamental)	19	38%
Desrespeito	Relação	"é um desrespeito com as pessoas" (aluna, ensino fundamental)	9	18%
Violência	Atitude	" <i>Bullying</i> é um ato de violência" (aluno, Ensino Fundamental)	8	16%
Apelido	Atitude	"Chamar uma pessoa gorda de rolha de poço e um moreno de chocolate" (aluna, ensino fundamental)	6	12%
Preconceito	Racismo	"Chamar de preto, esqueleto..." (aluna, ensino fundamental)	4	8%
Humilhação	Ação	"é um tipo de humilhação que as pessoas sofrem" (aluna, ensino fundamental)	2	4%
Brincadeira	Mau gosto	"é uma brincadeira de mau gosto" (aluno, ensino fundamental)	2	4%
TOTAL			50	100%
Fonte: Dados da pesquisa				



A maioria (38%) relacionou o *bullying* com um Xingamento ou ofensa verbal. No *bullying* existe a intenção de prejudicar, humilhar, e tal comportamento persiste por certo tempo, sendo mantido pelo poder exercido sobre a vítima, seja pela diferença de idade, força ou gênero (OLWEUS, 1993). Ele tem dois tipos, físico e verbal, sendo que no tipo verbal inclui práticas que consistem em insultar e atribuir apelidos vergonhosos ou humilhantes (BERGER, 2007; ROLIM, 2008)

Na segunda questão foi perguntado se o aluno já sofreu *bullying*, 28 meninos já sofreram, correspondendo a 82%, e dez meninas, correspondendo a 62,5% (**Gráfico 1**)



Analisando os questionários dos 38 alunos que já sofreram *bullying*, é destacado o sentimento de tristeza da maioria das pessoas que passaram por isso (42,10%) (**Quadro 2**), em contrapartida no estudo de Bandeira e Hurtz (2012) o sentimento que mais prevaleceu foi o de raiva.

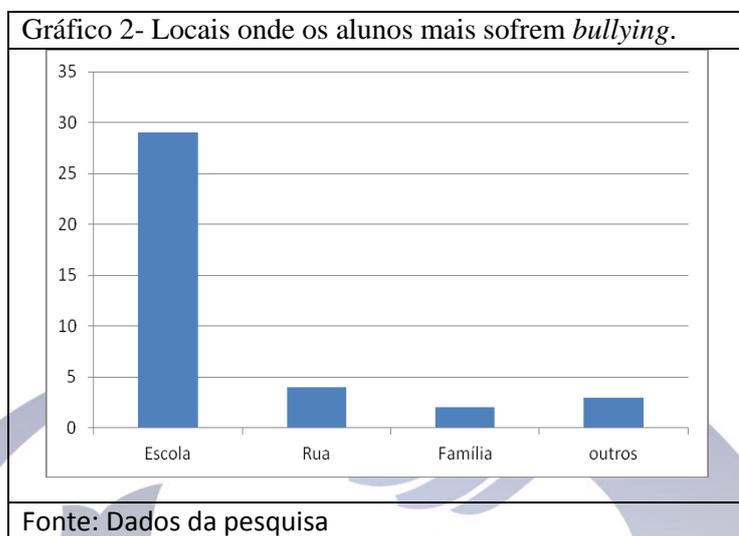
Quadro 2- Análise das respostas dadas pelos alunos a questão 3 “Como você se sentiu ao sofrer *bullying*?”

CATEGORIA	CONSTITUINTES	EXEMPLO	Abundância	
			Total	Relativa
Tristeza	Sentimento	"Fiquei muito triste" (aluna, Ensino Fundamental)	16	42,10%
Magoado	Depressivo	"me senti mal"(aluna, Ensino Fundamental)	10	26,31%
Indiferença	Normal	"eu não liguei, fiquei normal" (aluno, Ensino Fundamental)	5	13,15%
Raiva	Sentimento	"com raiva" (aluno, Ensino Fundamental)	4	10,52%
Vingança	Morte	""dá um tiro na cara dele"(aluno, Ensino Fundamental)	3	7,89%
Total			38	100%

Fonte: Dados da pesquisa



O ambiente escolar serve como cenário de vários processos e fenômenos grupais, dentre eles a violência escolar. No **Gráfico 2**, observa-se que a escola é o local onde os alunos entrevistados mais sofreram o *bullying*.

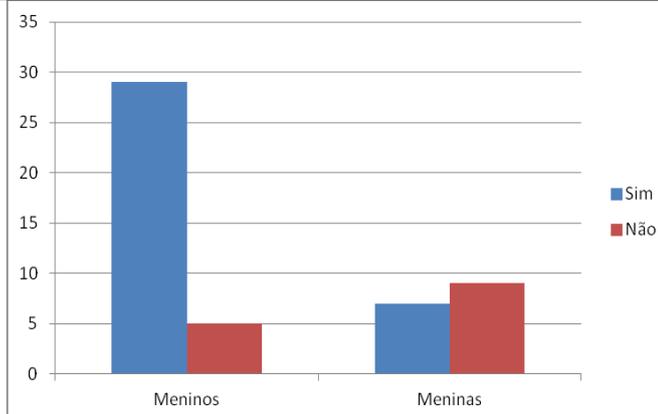


O termo violência escolar se refere a todos os comportamentos agressivos e antissociais, incluindo conflitos interpessoais, danos ao patrimônio e atos criminosos (LOPES, 2005). O comportamento agressivo no contexto escolar não é um problema recente, nem tão pouco um fenômeno novo. O comportamento agressivo surge na interação social e pode ser definido como todo o comportamento que visa causar danos ou prejuízos em alguém (LISBOA, 2005). Conforme Lisboa (2005), o comportamento agressivo pode ser considerado como um processo decorrente da interação que ocorre entre a pessoa e o seu ambiente físico, social e cultural através do tempo, uma vez que emerge na interação social.

Na questão 4 fica mais evidente a participação dos meninos na prática de *bullying*, visto que são 85% do total de meninos praticam, contra 43,75 % das meninas (**Gráfico 3**). Os amigos, muitas vezes da escola, são as maiores vítimas do *bullying* praticado, com 66 % dos casos (**Gráfico 4**).

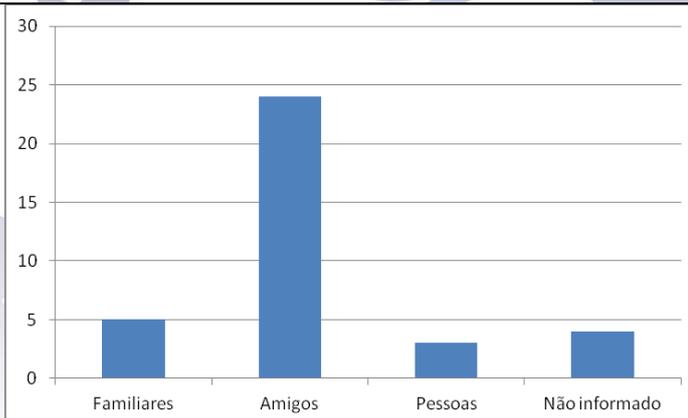


Gráfico 3- Quantidade de meninos e meninas que já praticaram *bullying*.



Fonte: Dados da pesquisa

Gráfico 4- Com quem geralmente os alunos praticam o *bullying*.



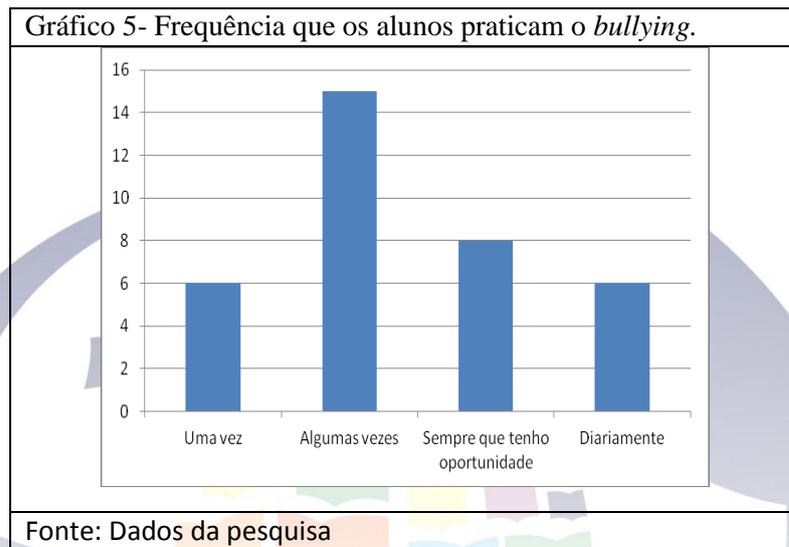
Fonte: Dados da pesquisa

No estudo de Bandeira e Hurtz (2012), quando observado o convívio escolar foi relatado pelas vítimas, que 50,0% dos ataques foram realizados por meninos, 31,2% tanto por meninos quanto por meninas e 18,8% dos ataques foram realizados por meninas. Liang e cols. (2007) afirmam que a agressividade e a vitimização são de ocorrência mais comum entre os meninos. Vários autores têm apontado diferenças entre meninas e meninos em relação ao *bullying* (BANDEIRA, 2009; BOULTON; UNDERWOOD, 1992). Comumente os meninos agredem tanto meninos quanto meninas, enquanto as meninas são agredidas principalmente por outras meninas (BOULTON; UNDERWOOD, 1992). A agressão física e a ameaça verbal são mais utilizadas pelos meninos, enquanto as meninas utilizam formas mais indiretas do



bullying, como o uso de apelidos, fofocas e exclusão do grupo social (SHARP; SMITH, 1991).

Dos 36 alunos que afirmaram praticar o *bullying*, 15 praticam *Algumas vezes* e oito *Sempre que tem oportunidade* (**Gráfico 5**), confirmando a característica do *bullying* de ser uma prática repetitiva. Existem três elementos cruciais que caracterizam o *bullying*, aceitos por cientistas ao redor do mundo, que são a repetição, o prejuízo e a desigualdade de poder (BERGER, 2007).

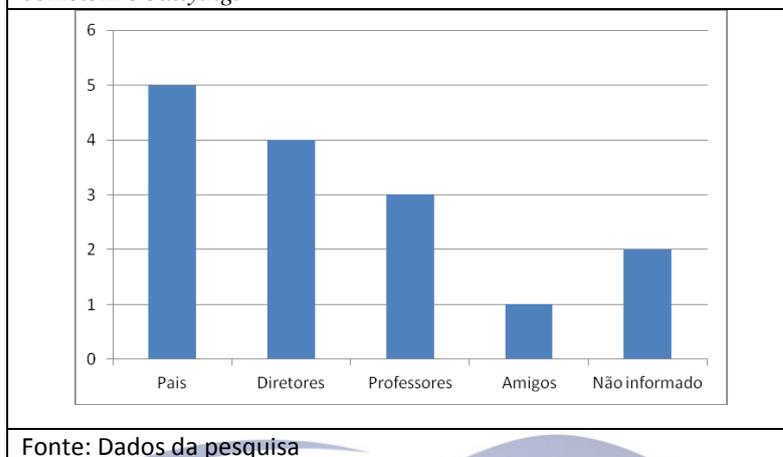


Do total de 36 alunos que praticam *bullying*, apenas 15 afirmaram ter sido reprimido por alguém ao cometer este ato. Como disse Oliveira (2015, p.12) “nem sempre chega ao conhecimento dos pais e professores”, dificultando a solução do ocorrido. No **Gráfico 6** vemos que os pais, seguidos de diretores e professores foram as pessoas que mais reclamaram por essa atitude. Bandeira e Hurtz (2012) dizem que pais e professores apresentam maior tendência para cessar o *bullying* físico do que o *bullying* verbal. Muitos adultos acreditam que a agressão verbal não é tão prejudicial como os ataques físicos. Por não ser tão visível como a agressão física, que pode deixar marcas evidentes, as marcas deixadas pelo *bullying* verbal são, de certa forma, silenciosas, porém graves.

A ideia de atividades integradoras, com metodologias diferenciadas que fujam da “monotonia” das aulas podem ser uma ótima ferramenta para abordar temas tão relevantes como a prática do *bullying* e assim, diminuir a ocorrência de tantas agressões em sala de aula.



Gráfico 6 – Pessoas que geralmente repreendem os alunos quando cometem o *bullying*.



Durante a palestra, os alunos interagiram bastante, narraram casos de *bullying* da sala de aula e comentaram sobre a existência de um jogo de videogame denominado Bully, surgido em 2006. Bully (Rockstar Games) é um jogo eletrônico que aborda a prática do *bullying*, tendo como cenário uma escola fictícia onde os estudantes praticam ataques a colegas e professores.

No segundo momento foi realizada pelos alunos uma dramatização, com roteiros norteadores para as peças. Segundo Courtney (2003), a imaginação dramática está no centro da criatividade humana e, assim sendo, deve estar no centro de qualquer forma de educação que vise ao desenvolvimento das características essencialmente humanas.

A maioria dos alunos estava bem empenhada em produzir em grupo os roteiros das peças, os temas abordados nas dramatizações foram “*bullying* na sala de aula”, “*cyberbullying*” o qual é cometido por intermédio das redes sociais e, “*bullying* relacionado com práticas de preconceito e racismo”. Os depoimentos dos alunos confirmam os resultados positivos observados durante as aulas, eles disseram ter gostado de uma “aula diferente” e que o *bullying* “é um tema pouco trabalhado nas escolas, mas muito importante”. Além disso, a oficina foi apoiada pela diretora, vice-diretora e alguns professores da escola que durante uma conversa informal, informaram que esse tema iria ser trabalhado neste ano de 2016 e que já está no Projeto político pedagógico (PPP) da escola.

Conclusão

Diante do que foi exposto, observou-se o que, infelizmente, tem sido rotina em nas escolas no que se refere à falta de respeito mútuo entre os



alunos. O cotidiano escolar, que deveria ser tomado de boa convivência entre os envolvidos no processo educativo, tem refletido um ambiente de “guerra” onde atingir o companheiro faz-se necessário. Espera-se do ambiente escolar que este seja um local de aprendizado e formação de um futuro cidadão consciente de seus atos e de seu papel, mas o que se vê é o oposto disso refletido em práticas de *bullying* constantes. A necessidade de mudar a realidade triste da sala de aula com relação a tal temática não deve se ater a advertências, castigos, etc., mas a uma verdadeira sensibilização, onde o aluno aprenderá sobre o seu papel como ser humano e cidadão respeitador. Cabe à comunidade escolar dar a continuidade necessária a ações como essa e mobilizar-se para mudar a realidade formando verdadeiros cidadãos.

Referências

- BANDEIRA, C. M. **Bullying: autoestima e diferenças de gênero**. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2009.
- BANDEIRA, C. M.; HUTZ, C. S. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 16, n. 1. P 35-44, Janeiro/Junho de 2012.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed. 70, 2011
- BERGER, K. S. Update on bullying at school: Science forgotten? **Developmental Review**, 27, 90-126, 2007.
- BOULTON, M. J., & UNDERWOOD, K. Bully/victim problems among middle school children. **British Journal Educational Psychology**, v. 62, p.73-87, 1992.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL, **Lei n. 13.185 de 6 de novembro de 2015. Lei do Bullying**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13185.htm>. Acesso em: 21 maio 2016.
- BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em : <<http://www.portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 21 de maio de 2016.
- CANAU, V. M. **Educação em Direitos Humanos: uma proposta de trabalho**. Novameria/PUC-Rio, 1999.
- COURTNEY, R. **Jogo, teatro & pensamento**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003, 302p.
- FREIRE, P. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988. 80 p.
- LAKATOS, E. M. e MARCONI, M. de A. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas,**



amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

LIANG, H., FLISHER, A. J.; LOMBARD, C. J. Bullying, violence and risk behavior in South African school students. **Child Abuse & Neglect**, 31, 161–171, 2007.

LIBÂNEO, J. C. A didática e a aprendizagem do pensar e do aprender: a teoria histórico-cultural da atividade e a contribuição de Vasili Davíдов. **Revista Brasileira de Educação**, n. 27, p. 5-24, set./dez. 2004.

LISBOA, C. S. M. **Comportamento agressivo, vitimização e relações de amizade em crianças em idade escolar**: fatores de risco e proteção. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

LOPES, A. A. N. Programa de reducción del comportamiento agresivo entre estudiantes. In: SILVA; C. B.; LISBOA, C. M. **Violência escolar**. Santiago de Chile: Universitária, 2005. p. 297-335

NETO, A. A. L. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**. Rio de Janeiro. v.81. n. 5 p.164-172, 2005.

OLWEUS, D. **Bullying at school**: What we know and what we can do. Oxford, UK: Blackwell, 1993.

OLIVEIRA, E. C. O bullying na escola: como alunos e professores lidam com esta violência?. **Revista Fundamentos**. Piauí. v. 2. n. 1.p.118-137 ,2015.

POPE, C.; MAYS, N., Reaching the parts other methods cannot reach: an introduction to qualitative methods in health and health service research. **British Medical Journal**, n. 311, p.42-45, 1995.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 2007.

ROLIM, M. **Bullying**: o pesadelo da escola, um estudo de caso e notas sobre o que fazer. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SHARP, S.; SMITH, P. K. **Bullying in UK schools**: The DES Sheffield Bullying Project. *Early Childhood Development and Care*, 77, 47-55, 1991.

VALLE, H.S; ARRIADA, E. Educar para transformar: a prática das oficinas. **Revista Didática Sistemica**, v.14, n.1, 2012.

